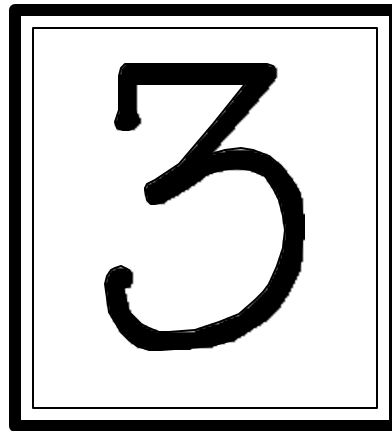


CADERNO DOCTRINÁRIO

EXPOSIÇÕES DIDÁTICAS



Divulgação do Espiritismo

ORGANIZADO E DISTRIBUÍDO
PELO
CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “
RIO DE JANEIRO
BRASIL

INTRODUÇÃO

De acordo com o programa do Centro Espírita “18 de Abril”, sai agora, com certo atraso, é certo, mas sem quebra de continuidade, o 3º Caderno Doutrinário, relativo a 1950/52. Como complemento, ainda, do 2º Caderno, incluímos neste folheto a parte relativa aos estudos doutrinários do 2º ciclo de 1950, isto é, breves considerações sobre a fenomenologia espírita.

Com a publicação deste Caderno doutrinário, sentimo-nos desobrigados perante os nossos companheiros de estudos e, ao mesmo tempo, muito satisfeitos por vermos o Centro realizar mais um ponto de seu programa básico. Tendo sido fundado, em 18 de abril de 1946, com o objetivo precípuo de estudar o Espiritismo segundo a Codificação de Allan Kardec (art. 1º do estatuto). O Centro Espírita “18 de Abril” tem, portanto, a obrigação de, como decorrência dos estudos ordinários, publicar e distribuir os seus Cadernos sem qualquer outra preocupação a não ser a de fazer divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec. Em obediência ao programa que lhe serve de norma, o Centro adota o método didático em suas exposições doutrinária, com ilustrações no quadro negro, sempre que necessárias. A publicação dos Cadernos Doutrinários depende, porém, dos recursos financeiros angariados entre os próprios componentes do Centro (poucos, aliás) e alguns amigos que, espontaneamente, auxiliam o nosso trabalho. O Centro não tem recursos. Justamente pôr este motivo, não podemos publicar os nossos Cadernos com regularidade, circunstância que, entretanto, não impede o prosseguimento dos estudos doutrinários do Centro.

Confessamo-nos muito agradecidos a todos os companheiros que contribuíram financeiramente para a publicação do presente Caderno doutrinário.

Que os prezados Irmãos saibam compreender o objetivo desta publicação, é o que espera, sinceramente, a DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”

Rio de Janeiro, dezembro de 1953

ESPIRITISMO E RITUAL

PALAVRAS DE ALLAN KARDEC

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que entre os seus adeptos nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou sumo sacerdote”.

“Obras Póstumas” - 1ª parte – cap. Final

A ORIENTAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”, EM SUA PARTE DIDÁTICA, INSPIROU NO PROGRAMA DA FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDO PSÍQUICOS, EM CUJO ESQUEMA SE MANTÉM ATÉ HOJE UM CURSO REGULAR DE ESPIRITISMO.

1ª Parte

(Para completar a última parte do Caderno doutrinário nº 2 – 1950)

Sumário:

a) Generalidade

Fontes de consulta a respeito da fenomenologia espírita;

b) Divisão dos fenômenos

Fenômenos de animismo e fenômenos espírita propriamente ditos.

Fontes básicas. Fontes de cultura.

c) Fenômenos espíritas

Sua divisão. As três fases da parte experimental do Espiritismo: observação, experimentação e dedução.

FENOMENOLOGIA

(Resumo do 2º de estudos de 1950)

I – GENERALIDADES. Entende-se por *fenomenologia* o estudo geral dos fenômenos. Quando dizemos *fenomenologia espírita*, é claro que nos referimos ao conjunto de fenômenos que constituem o objeto do Espiritismo. Então, a *fenomenologia espírita* vem a ser a parte do Espiritismo que trata dos fenômenos, isto é, a parte experimental do Espiritismo. Já se sabe que o Espiritismo tem três aspectos: o experimental ou o científico, que diz respeito aos fenômenos de além túmulo; o filosófico, que interpreta os fenômenos e lhes estuda as leis; o religioso, baseado nas conseqüências morais que decorrem dos outros aspectos. Vê-se, pois, que o Espiritismo é um conjunto, e seus aspectos se completam, não podendo ser, portanto, separados. Nenhum dos três aspectos, por si só, formaria o Espiritismo. Neste caso, como noção básica, convém logo fixar o seguinte: o Espiritismo é um conjunto, um todo, composto de três partes inseparáveis:

Fontes:

I – Fontes de consulta para este ponto:

Obras Póstumas, de Allan Kardec, parte final, capítulo intitulado “Constituição do Espiritismo”. Referência especial à palavra ESPIRITISMO: sub-capítulo X, do mesmo capítulo.

II – Fonte relativa à definição do Espiritismo: O que é o Espiritismo, de Allan Kardec (Prefácio).

III – Fonte Geral: Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, Introdução.

DIVISÃO DOS FENÔMENOS – Há dois grupos de fenômenos que interessam ao Espiritismo: os fenômenos anímicos, ou de animismo, e os fenômenos espíritas propriamente ditos. Os fenômenos de animismo não são os fenômenos de além túmulo, mas entram, não podem deixar de entrar na fenomenologia Espírita como um capítulo inicial.

Chamam-se anímicos porque se referem a alma (anima), isto é, são fenômenos produzidos pela própria alma do médium. Há, portanto, na fenomenologia espírita dois grupos de fenômenos:

I – fenômenos produzidos pelo próprio médium (Animismo).

II – fenômenos produzidos por espírito desencarnado através do médium (Espiritismo).

Há quem diga que os fenômenos de animismo se enquadram melhor na psicologia experimental. Realmente esses fenômenos poderiam levar grande contribuição à psicologia experimental se já houvesse menos preconceito na maioria dos centros de estudos científicos. É de esperar-se, todavia, que tanto os fenômenos anímicos como os próprios fenômenos Espíritas venham ainda, cedo ou tarde, despertar interesse nas Escolas e nos círculos acadêmicos. A Psicologia é, como se sabe, a Ciência da alma, pelo menos etimologicamente. O conceito de alma, porém, varia muito, segundo as doutrinas. Não podemos entrar neste assunto, porque, se o fizermos, teremos de sacrificar o espaço destinado à matéria de nossos estudos. Podemos dizer, porém, que os fenômenos de animismo, embora não sejam fenômenos do *outro mundo*, já provam no terreno experimental, que a alma é independente da matéria. Sem que se chegue, pois, à esfera dos fenômenos espíritas, já se encontram, no campo do animismo, elementos bem seguros para a demonstração de uma das teses fundamentais do Espiritismo: a independência da alma em relação ao corpo. Os fenômenos anímicos, como se vê, interessam tanto ao Espiritismo como à Psicologia. Aos estudos de nosso grupo só interessam, porém, os fenômenos anímicos em face do Espiritismo. Passemos, pois, a outro ponto, de acordo com o programa deste período.

Fontes para estudo geral dos fenômenos de animismo:

- a) Livro dos Espíritos de Allan Kardec, cap. intitulado “Da emancipação da alma”
- b) Livro dos Médiuns, de A. Kardec, cap. intitulado “Das manifestações visuais”, cap. “Da bicorporeidade e transfiguração”.
- c) A Gênese de Allan Kardec, cap. intitulado “Os fluídos”, sub-capítulo “Vista espiritual ou psíquica”.
- d) Obras Póstumas, de A. Kardec, cap. “Manifestação dos Espíritos”, n.º. 3 e seguintes; cap. “A segunda Vista”.

Outras fontes, para desenvolvimento da cultura sobre o assunto:

Animismo e Espiritismo, de Aksakof (obra considerada clássica nesta matéria, mais muito rara).

Animismo ou Espiritismo? de Ernesto Bozzano (obra indispensável aos estudiosos do assunto). As obras de Bozzano, aliás diversa, são muito conhecidas no Brasil. Naturalmente os que desejam fazer cultura procuraram ainda outras.

Indicamos apenas, como orientação didática, as fontes mais diretas para que os principiantes na doutrina possam encontrar ponto de partida.

Terminada esta ligeira exposição, com a necessária indicação das fontes básicas, que é, aliás, uma necessidade pedagógica em todos os estudos regulares, passemos a outro aspecto. Note-se ainda que Aksakof, em *animismo e Espiritismo* põe a divisão dos fenômenos mediúnicos em três categorias:

- 1ª fenômenos de *personismo* ou intramediúnicos, caracterizado pelo desdobramento da consciência;
- 2ª fenômenos de *animismo*, produzidos pelo espírito do próprio médium, sem a interferência, portanto, de espíritos desencarnados ou de além túmulo;
- 3ª fenômenos de *espiritismo*, produzidos por espírito desencarnado.

A divisão de Aksakof é minuciosa, mas na categoria de fenômenos anímicos podemos muito bem reunir as duas primeiras categorias. Como hipótese de trabalho, o fenômeno de *personismo* poderia até ser estudado como subdivisão do animismo. Para Aksakof, que foi um dos maiores experimentadores da fenomenologia mediúnica em todos os tempos, o fenômeno de *personismo* consiste no seguinte: certas pessoas, pelo desdobramento da consciência, adquirem, às vezes, personalidade estranha, apropriam-se do nome e do caráter de outra personalidade. Aksakof indica, como exemplo, a escrita inconsciente. O ser psíquico desdobra-se portanto, vai além da esfera pessoal. São intramediúnicos esses fenômenos, segundo Aksakof, porque eles se realizam nos “limites da esferas corpórea do médium”. De qualquer forma, o fenômeno de *personismo* é uma das modalidades de fenômenos de *animismo*, cuja a designação abrange todos os fenômenos oriundo do próprio médium. A classificação de Aksakof, todavia, é muito interessante, porque fixa um tipo de fenômenos que comporta estudos especiais. A maioria dos autores, porém, prefere a divisão geral dos fenômenos em dois grupos apenas: *animismo e espiritismo*.

Quem quer conhecer bem o Espiritismo não pode deixar de estudar os fenômenos de animismo.

Ernesto Bozzano, outro experimentador dos mais categorizados no assunto, chega a dizer que o *animismo explica o Espiritismo*. Vê-se, pois, que é de grande importância o estudo metódico do fenômenos anímicos em qualquer curso desta natureza. Por falta de conhecimento do assunto, muitas pessoas cometem

frequentemente o engano de atribuir a espíritos desencarnados certos fenômenos que têm origem no próprio médium, neste mundo, portanto, e não, como parece, no “outro mundo”.

Antes do encerramento desta parte, precisamos fazer algumas observações, que nos parecem indispensáveis. O fenômeno de animismo, embora não seja propriamente fenômeno espírita, porque não é produzido, como já foi dito, por espírito desencarnado, não é simulação, não é sugestão, como se diz constantemente. Não! É um fenômeno real, positivo, importante, com a diferença apenas de que forma uma categoria diferente da categoria de fenômenos do “outro mundo”.

Quando, por exemplo, se afirma que na sessão tal ou qual não houve manifestação de espíritos, logo se diz: “tudo ali era puro animismo”. Confunde-se, portanto, animismo com mistificação, com sugestão, etc.. Isto é um erro. Emprega-se correntemente a palavra *animismo* para significar mistificação ou sugestão, quando na realidade animismo é outra coisa. A palavra *animismo*, na linguagem comum, tem sido empregada até, no sentido pejorativo.

No sentido técnico, porém, a palavra tem emprego determinado. Os fenômenos anímicos ou de animismo tem a sua característica e o seu campo de ação. Dentro da terminologia técnica, a palavra *animismo* tem o seu lugar, a sua aceção definitiva.

Vamos concluir esta parte. Já por aqui, no terreno do animismo apenas, podemos encontrar elementos que contrariam fundamentalmente a tese materialista, uma vez que os fenômenos anímicos provam a independência entre a alma e o corpo, tanto assim, que aquela, por vezes, em estados especiais, se desprende daquele. Torna-se indispensável, a este respeito, o conhecimento das propriedades do perispírito (elemento fluídico, intermediário entre o corpo e a alma) para que se compreenda o mecanismo de certos fenômenos anímicos. Este assunto, porém, será objeto de estudos na ocasião em que estiver em foco a parte científica do Espiritismo.

Passemos, agora, a outro ponto de estudo.

III – FENÔMENOS ESPÍRITAS. A classificação dos fenômenos espíritas ou de além túmulo está no *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, livro básico da Doutrina Espírita, especialmente para quem quiser conhecer a parte experimental do Espiritismo. Allan Kardec dividiu os fenômenos espíritas em dois grupos: a) *manifestações físicas*; b) *manifestações inteligentes*. Convém deixar, desde logo, o seguinte princípio fundamental do Espiritismo: *todas as manifestações de espíritos, sejam de efeitos físicos, sejam intelectuais, revelam a existência, de um princípio inteligente*. O fato, portanto, de Allan Kardec haver dividido os fenômenos em dois grupos (físicos e inteligentes) não quer dizer que os fenômenos de efeitos físicos não sejam oriundos de uma inteligência. Os fenômenos de efeitos físicos, por mais grosseiras que sejam as suas características, dependem sempre da inteligência do espírito, porque toda a fenomenologia espírita está baseada neste princípio: **A TODO EFEITO INTELIGENTE CORRESPONDE UMA CAUSA INTELIGENTE**. Manifestações físicas são aquelas que produzem efeitos sensíveis e materiais (contatos físicos, pancadas, deslocamento e levitação de objetos, etc.) ao passo que as manifestações *inteligentes* são as que revelam coordenação do pensamento, não se realizam bruscamente como certas manifestações de efeito físico. No grupo das manifestações inteligentes se encontram as de natureza

puramente intelectual. Enquanto as manifestações físicas se reconhecem pelos efeitos materiais, as manifestações intelectuais são reconhecidas pelo conteúdo.

Há três fases na parte experimental do Espiritismo, tal como ocorre, de um modo geral, nas ciências experimentais ou de laboratório: *observação, experimentação e dedução*. Até certo ponto, como diz Allan Kardec (Gênese, cap. I nº. 14), “como meio de elaboração o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental”. É claro que o Espiritismo, neste terreno, se serve também do método indutivo, isto é, o método que parte dos efeitos para as causas, dos fatos particulares para as leis gerais, porque, como ensina ainda Kardec, “remontando dos efeitos às causas, chega a lei que os rege”. O método dedutivo é, ao contrário, o que parte do geral para o particular, da causa para o efeito. O Espiritismo tem a sua parte dedutiva no campo filosófico, mas o campo experimental emprega a indução, como as outras ciências. De certo ponto em diante, porém, o Espiritismo exige metodologia própria, porque os seus fenômenos são diferentes dos fenômenos peculiares às ciências humanas. No laboratório de química ou física, por exemplo o operador, desde que conheça as leis e tenha o material suficiente, sabe de antemão que vai produzir tal ou qual fenômeno, pode até *afirmar* por antecipação que vai obter o fenômeno.

Já no campo da fenomenologia espírita não se pode proceder assim. Ninguém, por mais conhecimento que tenha do Espiritismo, pode *garantir*, por antecipação, que vai obter um fenômeno, porque a produção do fenômeno espírita não depende da vontade do experimentador. Veja-se, pois, a diferença entre a Ciência espírita e a Ciência humana:

- a) na ciência humana (química, física, botânica, etc.), o homem de laboratório lida com material passivo, sem inteligência: nem a matéria prima nem o instrumento tem inteligência, porque inteligente é somente o experimentador;
- b) na ciência espírita a situação é outra: a matéria prima (espírito) é inteligente, tem vontade; o instrumento (médium) é também inteligente, tem vontade, tem reações, está sujeito a disposições ou indisposições imprevistas; o experimentador não *domina*, portanto, os elementos como o químico domina o seu material no laboratório.

Tudo isto, em poucas palavras, pode ser assim resumido: na ciência humana, o experimentador faz o que quer; na ciência espírita, o experimentador pode influir, pode provocar, mas não pode *forçar* a produção do fenômeno, porque o espírito é inteligente, pode querer ou não querer manifestar-se, como ainda esta sujeito à situação do médium e, muitas vezes, às condições do ambiente. Em suma, o fenômeno espírita não se opera com a mesma facilidade com que se opera outros fenômenos, uma vez que **NÃO DEPENDE DA VONTADE HUMANA**, embora esta, em determinados casos, possa ter influência, ainda assim mesmo, relativa. Diante de tudo isso, vamos fixar, aqui, mais um ponto de orientação: embora o Espiritismo, como ciência experimental, adote o método indutivo (do particular para o geral) que é o método universalmente adotado nas ciências positivas, não se pode subordinar o fenômeno do além túmulo ou fenômeno espírita, de um modo absoluto, às regras invariáveis das ciências humanas, porque o Espiritismo tem método próprio, de acordo com as circunstâncias. Se, na generalidade, o Espiritismo também emprega o método comum às outras ciências, em

suas particularidades exige método especial, justamente porque os seus fenômenos são diferentes, constituem, como se sabe, uma categoria especial, porque são fenômenos de origem e natureza diferentes. Voltemos às três fases da experimentação: *observação*, *experimentação propriamente dita* e, finalmente, *dedução*.

a) A *observação* é espontânea, natural, ao passo que a experimentação é provocada, preparada previamente. A *observação* a fase inicial, até certo ponto passiva, porque o observador se limita a observar sem a menor interferência nos trabalhos

b) Depois da observação, vem a *experimentação*, a fase científica, porque não é mais passiva nem empírica. Enquanto na *observação* o assistente ou estudioso espera naturalmente que o fenômeno se verifique, na experimentação já se provoca o fenômeno, tenta-se obter comunicação. O experimentador, já nesta fase, tem participação direta no fenômeno, colabora ativamente com o médium. De qualquer forma, porém, o fenômeno anímico ou espírita, mesmo *provocado*, não depende inteiramente da vontade pessoal. Este princípio é fundamental no Espiritismo. A experimentação é, portanto, a fase em que se começa a trabalhar com o suficiente conhecimento do assunto, com preparação prévia. Enquanto não há preparação nem conhecimento do assunto, o que se verifica é apenas empirismo, tentativa e não, propriamente, *experimentação* no sentido científico.

c) Dedução. O Espiritismo tem, como todo conhecimento científico, a sua parte dedutiva. Depois da experiência ou experimentação, vem a dedução. Que é deduzir? É tirar conclusões depois de se conhecer uma coisa, num fenômeno, etc. Apesar de ser a fenomenologia a parte prática ou experimental do Espiritismo, não pode deixar de ter consequência de ordem lógica. É a parte que toca, portanto, ao raciocínio. A dedução é uma operação puramente lógica, mas indispensável em todo conhecimento organizado. Tem-se o fato, o elemento conhecido, portanto, e desse fato deduzem-se consequências para completar o trabalho. A dedução é, finalmente, a última fase da experimentação científica. Suponhamos que, na sessão espírita do centro A, o espírito B se comunique, repetidas vezes pelo médium C, em diversas experiências, mas não se comunique pelo médium D. Faz a experiência, tomam-se precauções, repete-se o fenômeno. Diante de tantas repetições do mesmo fenômeno, fica provado que realmente o espírito B pode manifestar-se pelo médium C, mas não pode ou não quer manifestar-se pelo médium D. Qual a razão? Tem-se aí o elemento conhecido, o que está provado, isto é, o fato de B manifestar-se por C mas não se manifestar por D. Provado isto, teremos de deduzir alguma coisa. Qual a dedução a tirar daí? A de que o espírito de B tem afinidade com C mas não tem com D. É a parte dedutiva da experimentação científica.

Encerram-se aqui as considerações relativas aos fenômenos anímicos e espíritas. Com esta parte, de acordo com o programa, completamos a matéria doutrinária do 2º ciclo de estudos de 1950.

Doutrina

(1º ciclo de 1951: janeiro a março):

Fontes básicas: “ Livro dos Espíritos” “Gênese” “ Evangelho segundo o Espiritismo”.

I – NOÇÕES GERAIS: Quando dizemos “revelação espírita”, expressão muito usada entre nós, naturalmente não nos referimos a qualquer forma de revelação pessoal. Entenda-se desde já que o Espiritismo não teve e não tem profeta. É uma revelação, portanto, muito diferente de outras revelações.

(Leia-se indispensavelmente a “Gênese” de Allan Kardec, cap. I, pois aí se encontra a explicação do verdadeiro caráter da revelação espírita). A revelação espírita distingue-se das revelações até agora conhecidas, pelas seguintes particularidades:

- a) não é pessoal, porque não é obra de um homem;
- b) não teve profeta, como o Islamismo (Maome) por exemplo;
- c) não veio de um espírito ou de um grupo, porque é de origem espiritual, mas *coletiva*, visto como os seus ensinamentos foram dados por diversos espíritos.

Nossos adversários costumam dizer, por ignorância ou má fé, que Allan Kardec é o “profeta do Espiritismo”. Não! Não há profeta no Espiritismo. Allan Kardec sempre fez questão de frisar que a Doutrina Espírita não é pessoal. Não é doutrina de Allan Kardec, mas dos espíritos.

Ela não veio em caráter profético, mas por meio de instrumentos humanos, que são os *médiuns*. Kardec analisou as comunicações do além, levantou dúvidas formulou questões, fez comentários pessoais. A ação de Allan Kardec, isto sim, teve

caráter missionário, porque foi ele o homem capaz, moral e intelectualmente de organizar os ensinamentos dos espíritos, foi ele ainda o homem de envergadura moral e mental suficiente para tirar conseqüências filosóficas, morais e religiosas do fato espírita, quando outros investigadores e experimentadores não passaram do fenômeno, não saíram da parte estritamente experimental do Espiritismo. O *profeta*, porém, não; nem *patriarca*, como dizem outros, porque Allan Kardec nunca se intitulou fundador nem chefe de religião, tanto mais quanto o Espiritismo não comporta hierarquia nem dignidades eclesiásticas.

Ele é, porém, indiscutivelmente, o verdadeiro *codificador* da doutrina. Deve-se a Kardec a obra de interpretação filosófica, organização, Codificação dos ensinamentos dos espíritos. Deve-se ainda a Allan Kardec a criação da palavra *Espiritismo*, a feição própria que o Espiritismo tomou como corpo da doutrina, como conhecimento organizado. Há, porém, no corpo da doutrina, duas partes complementares, que não podem ser separadas: a *doutrina pura*, tal qual foi transmitida pelos espíritos (espíritos diferentes e médiuns diferentes, e não um espírito e um médium apenas) e a contribuição humana, isto é, a parte que é propriamente de Allan Kardec. A doutrina propriamente dita, com os seus princípios básicos, está no Livro dos Espíritos, mas o desdobramento dos ensinamentos está nas outras obras (Livro dos Médiuns, Evangelho segundo o Espiritismo, Gênese, Céu e o Inferno, Obras póstumas) sem as quais a doutrina ficaria incompleta.

No Livro dos Espíritos estão os princípios gerais, e permanentes, as leis, a Filosofia, finalmente. Isto constitui o alicerce, mas não se constrói um edifício somente com alicerce. A Codificação da Doutrina Espírita é, portanto, o conjunto das obras de Allan Kardec, todas elas inseparáveis, coordenadas, concordantes.

II – POSIÇÃO DO ESPIRITISMO NA ESCALA DOS CONHECIMENTOS

Desde o tempo de Aristóteles, na Grécia, que se procura organizar, dividir, sistematizar, finalmente, os conhecimentos humanos. A divisão dos assuntos é uma necessidade imposta pela própria evolução dos conhecimentos. Daí o desdobramento, a ramificação das ciências. De uma ciência, por exemplo, saem diversas ciências novas, aos poucos se tornam autônomas. Toda ciência tem o seus fenômenos. O Espiritismo tem uma categoria de fenômenos especiais, e tais fenômenos não pertencem à ordem geral dos fenômenos estudados pela ciência humana. Neste caso, qual o lugar do Espiritismo no quadro dos conhecimentos humanos? É o que vamos estudar, embora resumidamente.

De todas as classificações das ciências, a partir de Aristóteles, a mais ampla e mais aceita até hoje é a de Augusto Comte, o fundador do *positivismo*, na seguinte ordem:

Matemática;
Astronomia;
Física;
Química;

Biologia;
Sociologia;
Moral.

A Moral, ciência dos deveres, entrou depois do esquema de Comte. Nota-se aí que não há lugar para a Psicologia na classificação de Comte. Ora, a Psicologia é, pela sua própria etimologia, a *ciência da alma*. Acontece, porém, que o sistema de Augusto Comte não aceita a existência da alma, como princípio independente do corpo. Os fenômenos da *Psicologia* estão enquadrados na *Biologia*. Hoje, porém, a *Psicologia e a biologia* são ciências autônomas. A Psicologia já está dividida em dois grandes campos: Psicologia racional e Psicologia experimental.

O *Positivismo* não admite a alma na acepção espiritualista, isto é, como espírito imortal, que sobrevive a *morte* do corpo. Não. O *Positivismo* não é uma doutrina imortalista. É natural, portanto, que Augusto Comte, em sua classificação da ciências, não tenha incluído a Psicologia.

Assim, os fenômenos Psicológicos (fenômenos da alma) são equiparados aos fenômenos biológicos (fenômenos orgânicos), de acordo com o sistema de Comte. A Biologia, como ciência da vida ou dos seres vivos, ciência que explica todos os fenômenos da vida (nascimento, crescimento, morte) não explica os fenômenos da alma (reações, tendências, emoções, etc.).

Mais tarde, porém, surgiu a *Psicologia* como ciência da alma, independente da Biologia. Ainda assim, há problemas que escapam à esfera da Psicologia. Há fenômenos que ultrapassam o campo e os métodos da Psicologia: os fenômenos espíritas.

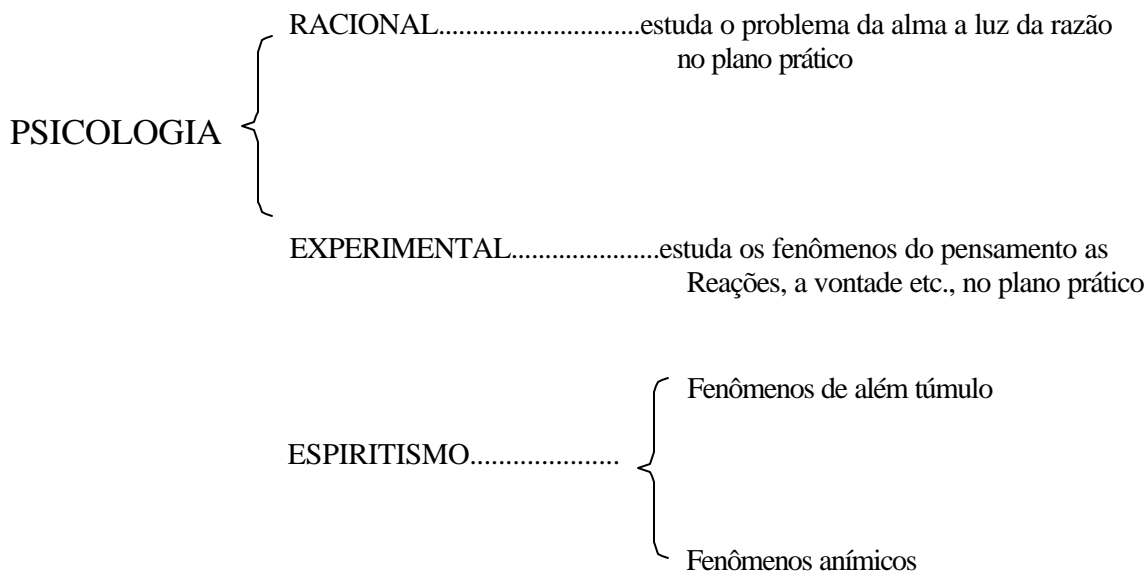
Fixemos, pois, desde logo, o conceito de alma, segundo o Espiritismo. A *Psicologia* estuda, por sua vez, os fenômenos da alma, mas é preciso notar que a Psicologia não estuda os chamados fenômenos transcendentais. Neste particular, a Psicologia não sai dos fenômenos comuns: reações, comportamento, volições, etc.. Assim como o Positivismo considerava o estudo da imortalidade da alma como pura Metafísica e, portanto, como assunto que não interessa à ciência positiva, a Psicologia também não entra em cogitações de ordem filosófica a respeito da alma. O problema da espiritualidade propriamente dito não faz parte do quadro da Psicologia acadêmica, por ser problema de filosofia ou de religião. Então, a Psicologia estuda os fenômenos normais, dentro dos limites da ciência humana. Não sobe, portanto, à chamada esfera Metafísica.

O Espiritismo estuda justamente os fenômenos da alma, mas aqueles fenômenos que constituem uma esfera mais alta, acima do campo da Psicologia. São os fenômenos de além túmulo, com as suas divisões e, ainda, os fenômenos de *animismo*, que, embora sejam produzidos pelo próprio médium, não fazem parte do conjunto de fenômenos comumente estudados pela Psicologia. Alma, para o Espiritismo, é o *espírito*, e espírito é o princípio inteligente, que anima o corpo, continua a viver depois da morte, tem consciência, individualidade e responsabilidade. De acordo, finalmente, com o seu conceito de alma, o Espiritismo tem por objeto uma ordem de fenômenos que comporta classificação especial na divisão de conhecimentos humanos. Não podemos dizer que a Psicologia negue a existência da alma. Há doutrinas psicológicas, como há psicólogos que negam a imortalidade da alma, porque partem da filosofia materialista. Pode-se estudar Psicologia com pontos de vistas muito diferentes: materialista,

católico, espírita, positivista, etc. Cada qual vê o problema da alma segundo suas tendência religiosas ou filosóficas. O espiritualista, seja católico, protestante ou espírita, por exemplo, pode estudar a Psicologia para provar a existência da alma e sua imortalidade, o materialista pode também estudar a Psicologia para chegar a conclusão oposta, isto é, a de que a alma não existe. Tudo depende da formação, da orientação filosófica ou religiosa de quem vai estudar as questões Psicológicas. O ponto de partida ou as premissas iniciais têm muita influência: se alguém parte da noção inicial de que a alma não existe, naturalmente vai concluir que todos os fenômenos psicológicos se explicam por meios materiais; quando, ao contrário, já se entra no estudo da Psicologia com a idéia formada de que a alma existe e sobrevive ao corpo, certamente as conclusões serão muito diferentes. Tudo isto, porém, é particular, questão apenas da posição de cada um de nós no campo da Psicologia. Entretanto a Psicologia em si, como Ciência, tem o seu campo determinado. Não lhe cabe, por isso mesmo, estudar questões que saem desse campo. Para resumir: a Psicologia estuda os fenômenos da alma em relação com o corpo e não a alma depois da *morte*. Isto quer dizer, portanto, que o campo da Psicologia esta circunscrito aos fenômenos habituais, comuns ou ordinários, dentro do conjunto das atividades psíquicas.

A discussão dos fenômenos de além túmulo, por exemplo, já não pertence mais ao campo da Psicologia acadêmica. É outra ordem de conhecimentos. Os fenômenos psíquicos procedem da alma, não há dúvida, mas foram grupos especiais, e por isso é natural que existam ciências próprias para cada grupo.

EXPLICAÇÃO



Já se vê, portanto, que o Espiritismo ultrapassa o campo da Psicologia, justamente porque estuda uma categoria de fenômenos cujo mecanismo não pode ser explicado pelo mesmo sistema porque se explicam os fenômenos psicológicos. O

Espiritismo tem, sim, relação com a psicologia, em esfera mais alta, porque os fenômenos da alma são muito complexos e têm, muitas vezes, aspectos imprevistos. Nosso objetivo com estas considerações gerais, é apenas separar os campos da Psicologia e do Espiritismo e, ao mesmo tempo, situar o Espiritismo no conjunto dos conhecimentos humanos.

Onde está, finalmente, o Espiritismo? Nas ciências naturais? Não, porque os fenômenos espíritas não pertencem à categoria dos fenômenos da Biologia ou qualquer outro ramo das ciências naturais. Nas ciências físicas? Também não, porque os fenômenos extra humanos ou espirituais não se identificam com os fenômenos físicos. Nas ciências sociais? Não, porque os fenômenos espíritas não se confundem com os fenômenos sociais, nem o Espiritismo se enquadra na Sociologia ou em qualquer outra ciência do grupo de ciências sociais, como a Economia, a Antropologia, etc. Como situar, então, o Espiritismo? Acima das limitações ou dos esquemas de conhecimentos comuns. Convém notar, porém, que o Espiritismo, embora não esteja nem possa estar enquadrado em qualquer grupo de ciências humanas, tem elementos para elucidar ou esclarecer muitos problemas pertencentes a diversas ciências. As conseqüências do Espiritismo, na ordem filosófica, moral e social, por exemplo, incidem forçosamente sobre questões de Psicologia, Religião, Sociologia, Direito, etc. etc. Veremos a seguir as relações do Espiritismo com as ciências que lhe são afins e, ainda, com certos ramos de conhecimentos mais amplos. Neste caso, somos forçados a concluir que o Espiritismo estuda fenômenos especiais, fora de todas as classificações humanas e, por isso, deve ser estudado dentro da outra ordem de conhecimentos especiais, porque os fenômenos espíritas escapam ao mecanismo dos laboratórios humanos, uma vez que são fenômenos oriundos da esfera extra humana.

RESUMO DESTA PARTE:

- a) O Espiritismo tem objeto próprio: o fenômeno de além túmulo.
- b) Justamente pelo fato de ter por objeto um tipo de fenômeno todo diferente dos fenômenos inerentes às ciências humanas, o Espiritismo não pode ser classificado entre as ciências humanas.
- c) Tendo, portanto, caráter diferentes das ciências humanas, o Espiritismo tem, também, método próprio, embora adote, até certo ponto, os métodos normais das ciências comuns, em seu aspecto geral.
- d) Embora não seja de origem humana, o Espiritismo forma um corpo de doutrina (Codificação de Allan Kardec), que tem relações com a maioria das ciências humanas sem, entretanto, ficar subordinado a qualquer uma delas.
- e) Como corpo da doutrina, cuja base é o fenômeno, ponto de partida para a afirmação da *imortalidade da alma*, o Espiritismo tem conseqüências de ordem científica, filosófica e religiosa.

f) Como decorrência disto, o Espiritismo tem influência direta nas relações humanas, em virtude das conseqüências morais que decorrem de sua doutrina.

g) Finalmente, a influência do Espiritismo se faz sentir nas relações humanas pela moralidade que imprime ao comportamento do homem na família, no grupo social, na vida profissional, etc.

III – RELAÇÕES ENTRE O ESPIRITISMO E OUTROS RAMOS DE CONHECIMENTOS.

a) RELAÇÕES DIRETAS

- I – Psicologia experimental
- II – Magnetismo
- III – Metapsíquica
- IV – Telepatia

b) RELAÇÕES INDIRETAS

- I – Psicologia racional
- II – Metafísica
- III – Sociologia
- IV – Antropologia, Criminologia, etc..

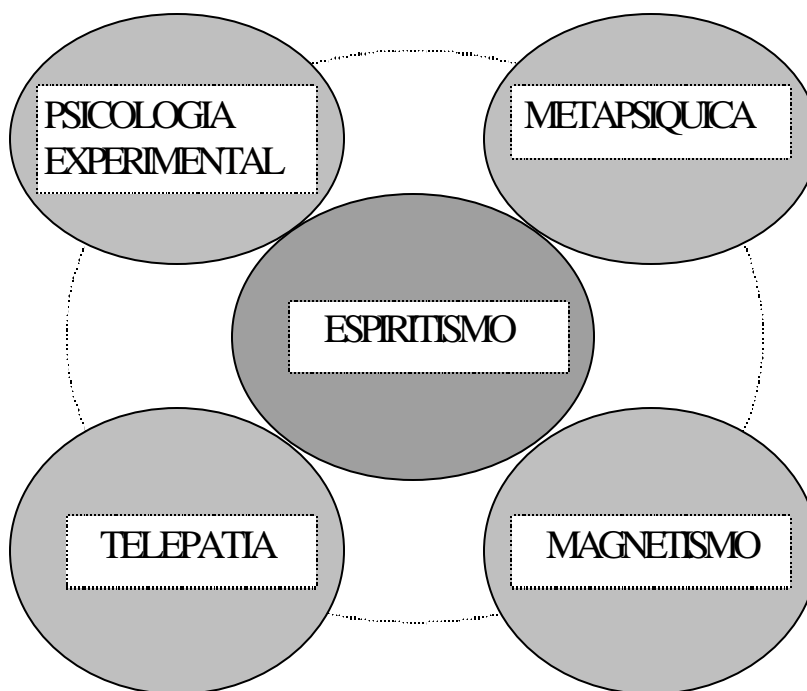
Relação do Espiritismo com ramos de conhecimentos. Veja-se inicialmente o que diz Allan Kardec:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das Ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas (Gênese, cap. I n.º. 21)

Como se vê, as relações do Espiritismo com outras Ciências é uma decorrência da própria natureza do Espiritismo. Antes da exposição deste ponto, convém que fique esclarecido outro ponto, igualmente necessário. Quando dissemos, anteriormente, que o Espiritismo não se enquadra em nenhuma classificação das ciências humanas, porque os fenômenos espíritos ou de além túmulo tem natureza diferente, não pretendemos, em absoluto, dizer que tais fenômenos sejam *sobrenaturais*. Seria a negação do caráter da Doutrina Espírita. Pode parecer que aquela proposição esteja em desacordo com a doutrina, porque Allan Kardec afirma constantemente que os fenômenos espíritas são *naturais*, e que o Espiritismo “estuda um dos elementos constitutivos do Universo”. Se os fenômenos espíritas são *naturais*, porque fazem parte da natureza, como dizer que estes fenômenos não pertencem aos grupos da *ciências naturais*? Eis aí a questão. O vocábulo Natureza tem dois sentidos. O sentido comum é o de natureza física ou biológica; mas no sentido em que Allan Kardec o emprega,

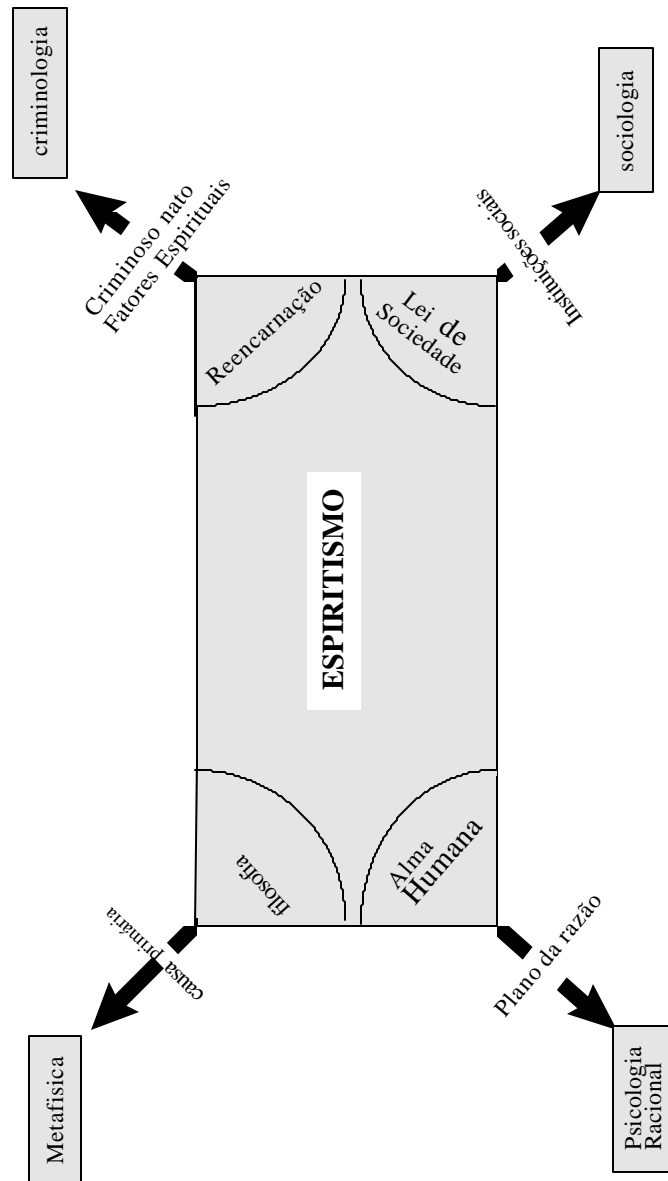
Natureza não é apenas o mundo físico ou o corpo humano. O conceito de Natureza, aqui, é universal. Os fenômenos espíritas estão, não há dúvida, na ordem natural, porque fazem parte da natureza, mas no sentido amplo e não, como se vê, no sentido estrito da natureza material. Não se entende por Natureza apenas o conjunto de terra, atmosfera, plantas animais, seres humanos. Os fenômenos do Espiritismo estão acima destes campos de estudos, isto é, acima da natureza física ou biológica e, por isso, não se subordinam aos fenômenos das “ciências naturais”. Esclarecido, assim, o conceito geral de Natureza, entremos, agora, nas relações do Espiritismo com outras ciências. Há entre o Espiritismo e outros ramos de conhecimento, dois tipos de relações: *diretas e indiretas*.

RELAÇÕES DIRETAS



Vê-se, assim, que, como já se disse anteriormente, de acordo com o pensamento de Allan Kardec (“Gênese”- cap. I) a Doutrina Espírita, por sua natureza, tem parentesco com diversos assuntos científicos.

II – RELAÇÕES INDIRETAS OU GERAIS



Examinemos, agora, depois do esquema anterior, os pontos de contato imediato do Espiritismo com o *Magnetismo*, a *Telepatia*, a *Metapsíquica* e, finalmente, com a *Psicologia experimental*.

RELAÇÕES DIRETAS

a) Com o *Magnetismo*, porque, além dos fenômenos magnéticos que, hoje, são estudados pela Física em capítulo especial, e o Magnetismo está na própria natureza (na terra, nos animais, no homem) existe, ainda, um tipo de fenômenos que depende da ação magnética : o sonambulismo artificial , isto é, o sonambulismo provocado pelo passe magnético e não o sonambulismo natural. O Magnetismo explica, portanto, fenômenos de clarividência, desdobramento, etc. Esses fenômenos provam, por sua vez, que a alma, no estado sonambúlico pode deixar o corpo, emancipar-se da matéria. Prova-se aí, pela ação magnética, uma tese básica do Espiritismo: a independência entre a alma e o corpo. O Espiritismo não pode deixar de ter relação com o Magnetismo. Entretanto é indispensável notar que Espiritismo não é Magnetismo. Nem todos os fenômenos da natureza espiritual podem ser explicados pelo Magnetismo. O Magnetismo, até certo ponto, é um auxiliar do Espiritismo. Não se pode dizer, porém, como se disse no século passado, que *todos os fenômenos Espíritos se explicam pelo Magnetismo*. Não! O campo do Magnetismo não vai além das possibilidades humanas. Os fenômenos do além túmulo já ultrapassam a esfera do Magnetismo humano. Não se pode deixar de reconhecer, porém, que o Espiritismo tem “parentesco muito próximo com o Magnetismo”, como disse Allan Kardec. O erro está em se pretender subordinar todos os fenômenos extra-humanos, todos os fenômenos de além túmulo ao Magnetismo. Nisto, evidentemente, há muito exagero. De qualquer forma, porém, não se pode estudar a parte científica do Espiritismo sem estudar, ao mesmo tempo, o Magnetismo.

Vejamos, agora, o que disse Allan Kardec sobre as relações do Espiritismo com o Magnetismo:

“O Magnetismo preparou o caminho para o Espiritismo, e os rápidos progressos desta última Doutrina (Espiritismo) são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias sobre a primeira (Magnetismo) . Fonte de consulta: Revista Espírita n.º. 1, vol. 3, março de 1858 (Tradução brasileira do Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo).

Pode-se, todavia, praticar o Magnetismo sem ser espírita. Há distinção entre o magnetizador e o médium. O magnetizador emite força própria, que pode aliviar dores, fazer curas, exercer até muita influência sobre outras pessoas; o médium, não, porque é um instrumento, um intermediário do espírito. O *passe* magnético é dado pelo próprio magnetizador, enquanto o *passe* espírita é dado pelo ESPÍRITO através do médium, embora haja combinação de fluidos do médium e do espírito. Finalmente, o Magnetismo é um campo de estudos que tem relação imediata com o Espiritismo, mas não se deve concluir, por isso, que Espiritismo e Magnetismo são a mesma coisa.

b) Relação com a *telepatia*. Que é telepatia? Para usar a definição comum, telepatia é transmissão de pensamento. Nos fenômenos de telepatia, muitas vezes, dá-se o intercâmbio de espíritos que ainda estão encarnados, mas podem comunicar-se pelo pensamento. Há ocasiões em que a pessoa, pela ação telepática (transmissão de

pensamento) pode transmitir idéias ou mensagens a outras pessoas distantes. Esse tipo de fenômenos, como os de sonambulismo, prova, até certo ponto, que a alma, (princípio espiritual da criatura humana) pode emancipar-se temporariamente do corpo ainda na condição de pessoa *viva*, como se costuma dizer. A telepatia tem, como estamos vendo, muita relação com o *magnetismo* dentro de quadro de fenômenos complexos, cujos estudos ainda comportam muita investigação e discussão. A telepatia e o *magnetismo* são departamentos especiais no campo da fenomenologia psíquica. O Espiritismo serve-se da *telepatia*, em determinados casos, para elucidar fenômenos psíquicos.

Não se pode dizer, porém, que todos os fenômenos espíritas ou de além túmulo se explicam pela telepatia. Outro exagero, outro erro. Nas manifestações espontâneas ou imprevistas, por exemplo, não há transmissão de pensamento, pois que as idéias das comunicações recebidas são absolutamente estranhas aos pensamentos do médium, do dirigentes dos trabalhos, da assistência. Onde está, neste caso, a transmissão do pensamento?... Os fenômenos de telepatia interessam ao Espiritismo, mas *telepatia* não é Espiritismo. Conclusão deste ponto: o Espiritismo tem relação direta com a *telepatia*, em determinados aspectos, mas o Espiritismo não se subordina à *telepatia* nem com ela se confunde.

c) Relação com a Metapsíquica. Não podemos dizer que a Metapsíquica seja uma denominação moderna do Espiritismo, porque existem Metapsíquistas que não aceitam o Espiritismo. O termo Metapsíquica, como se sabe, foi criado em 1905 pelo ilustre professor Charles Richet, autor do notável tratado de Metapsíquica (obra muito rara).

Há, porém, Metapsíquistas que, na realidade são espíritas, porque praticam o mediunismo sob a orientação do Espiritismo, aceitam a moral do Evangelho, segundo o Espiritismo, são reencarnacionistas. Ora, se aceitam os princípios básicos do Espiritismo (imortalidade da alma, comunicação dos espíritos, reencarnação) e se, por decorrência disto, não mais se prendem a culto material (ritual, paramento, ídolos, etc.), naturalmente são espíritas, embora prefiram dizer que são Metapsíquistas. Há metapsíquistas, porém, que, com o não aceitarem explicação espírita, chegam até a pender para o materialismo. Há metapsíquistas, finalmente, que se conservam em terreno neutro isto é, à margem do Espiritismo e confessam que não aceitam certas teses básicas da obra de Kardec. Não se podem dizer que são *espíritas*, embora aceitem o fenômeno de além túmulo, porque espírita não é apenas o que crê na manifestação dos espíritos ou pratica o mediunismo, mas o que aceita conscientemente os princípios fundamentais do Espiritismo e “conforma com esses princípios as suas atitudes na vida moral.” A *Metapsíquica* tem por objeto, finalmente, embora com outros nomes, o mesmo fenômeno que serve de base ao Espiritismo: o fenômeno de além túmulo. As interpretações, porém, variam muito entre o Espiritismo e algumas escolas metapsíquicas, conquanto o ponto de partida seja o mesmo: o fenômeno.

Já se vê, portanto, que o Espiritismo tem relações imediatas com a *Metapsíquica*.

RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

d) Evidentemente o Espiritismo tem relação inevitável com a psicologia experimental, embora o ponto de vista acadêmico ainda se recuse a aceitar a contribuição do Espiritismo na elucidação de certos fenômenos. A Psicologia, por exemplo, ainda não reconhece a existência do perispírito ou corpo fluídico, nem lhe estudou as propriedades. Entretanto, pelo conhecimento do perispírito, muitos fenômenos de desdobramento, visão à distancia, projeção de força fluídica, etc. seriam explicados com melhores elementos de convicção dentro do campo da psicologia experimental. Queremos apenas, com esta ligeira referência, lembrar que o Espiritismo tem incidência direta na psicologia experimental, no terreno dos fenômenos psíquicos.

Naturalmente quem estuda a parte científica do Espiritismo tem necessidade, é claro, de conhecer também a psicologia experimental pelo menos em linhas gerais. Vê-se, assim, que o estudo regular do Espiritismo leva forçosamente ao estudos de outros ramos de conhecimentos, como o *Magnetismo*, a *Telepatia*, a *Metapsíquica*, a *Psicologia Experimental*, por exemplo, visto como estes campos de estudos têm pontos de conexão com o Espiritismo.

Em qualquer uma destas searas de investigação o Espiritismo pode projetar muita luz.

RELAÇÕES DIRETAS

Depois do que foi dito sobre as relações diretas do Espiritismo com os ramos de conhecimento que lhe são mais próximos (*Magnetismo*, *Telepatia*, *Metapsíquica*, *Psicologia Experimental*) vamos examinar, agora, as relações *indiretas* do Espiritismo com as ciências que com ele tem pontos de contato. Preliminarmente devemos dizer o seguinte: O Espiritismo não é Sociologia, por exemplo, mas o Espiritismo, por decorrência de seus conceitos básicos, toca na Sociologia; Espiritismo não é Psicologia Racional, mas não pode deixar de tocar, também, no terreno da Psicologia racional. Em suma o Espiritismo entra em diversas ciências mas não perde a sua personalidade, isto é, não deixa de ser sempre o que ele é por si mesmo: *Espiritismo*. Não se deve dizer, por exemplo, que Espiritismo é Sociologia, apenas porque o Espiritismo tem pontos de relação com a Sociologia, assim como o Espiritismo não é exclusivamente *Metafísica*, embora tenha uma parte *Metafísica*. Devemos partir de um princípio: *na ordem universal não existe fenômeno absolutamente isolado*. Não há, portanto, conhecimento solto, à parte, inteiramente desprendido de qualquer ligação com o todo, o conjunto. Se assim é, não há ciência absolutamente fora da ordem geral de conhecimento. Isto significa o seguinte: as ciências estão relacionadas naturalmente umas com as outras, porque a verdade é uma só.

Se, entretanto, as coisas não tivessem nomes, se as ciências não tivessem características próprias, o conhecimento seria confuso, a inteligência humana viveria sempre no caos, ninguém saberia *distinguir* os fenômenos de cada ciência. Apesar de não haver ciência absolutamente *isolada*, sem qualquer ponto de relação com as outras ciências ou, pelo menos, com os grupos de ciência afins, existem balizas necessárias: cada ciência tem seu objeto, suas fronteiras, seus postulados, seu método particular, em muitos casos, conforme a natureza do fenômeno que lhe serve de objeto. Estamos dizendo tudo isto para fixar a seguinte noção geral: O Espiritismo, como vimos no quadro negro, tem relações com diversas ciências, por força de suas conseqüências

filosóficas, morais, sociais, etc. Mas não deixa de ser Espiritismo, não se confunde com as outras ciências. O Espiritismo tem relações, portanto, com a

Metafísica Antropologia	Psicologia racional Criminologia	Sociologia Fisiologia,
--	---	---

etc.

Tanto pode o espírito levar as suas luzes a qualquer uma dessas ciências, para esclarecer certos problemas, como pode, também, ir buscar elementos em qualquer uma delas para elucidar determinadas questões cuja compreensão exata dependa do auxílio das ciências humanas. De acordo com a figura que apresentamos no quadro negro, vamos fazer, agora, uma exposição muito sumária sobre as relações do Espiritismo e as ciências aqui citadas.

Espiritismo e Metafísica. Conquanto seja o fenômeno um elemento positivo, o Espiritismo tem uma parte Metafísica, isto é, uma parte que trata da existência de Deus, da causa primária de todas as coisas. Pode-se dizer, entretanto, que o Espiritismo não é apenas Metafísica, mas não se pode deixar de reconhecer que há no Espiritismo uma parte que pertence ao domínio da Metafísica. A existência de Deus não é um problema de demonstração positiva, mas de ordem Metafísica: Deus, a causa primária de todas as coisas. A Metafísica tem duas partes: a parte geral, que trata do Ser transcendente ou absoluto, e a parte que trata do mundo, isto é, da essência e não a forma do mundo. Neste último caso, a Metafísica toma o nome de *Cosmologia Racional*. Finalmente, Metafísica é a parte da filosofia que estuda as causas finais, a essência das coisas, a origem do Universo. Ora, como todos sabem, o Espiritismo, em sua parte filosófica, estuda a origem do mundo e da vida, a CAUSA universal sem deixar, todavia, de estudar também as causas próximas ou particulares. Estuda o fenômeno, por exemplo, em seus efeitos materiais ou em seus aspectos físicos, mas estuda, depois, a lei geral, o fim, a origem do espírito que deu causa ao fenômeno. Esta ordem de especulação já é campo ao fenômeno. Esta ordem de especulação já é campo da Metafísica e não mais ciência positiva. Logo, o Espiritismo tem relação com a Metafísica.

Espiritismo e Psicologia racional. A rigor, a Psicologia racional pertence ao domínio da Metafísica. Nem todos, porém, entendem assim. Neste estudo, tanto quanto possível resumido, o que nos interessa é apenas o ponto de relação que existe entre o Espiritismo e a Psicologia Racional. Convém lembrar que a Psicologia (ciência da alma) é dividida em duas grandes partes: *Psicologia Racional* e *Psicologia Experimental*. Já vimos, antes disto, que o Espiritismo tem relação com a Psicologia experimental, porque estuda fenômenos que são, também, objeto da Psicologia: sonambulismo, automatismo, etc. O Espiritismo tem, como todos sabem, elementos capazes de explicar muitos problemas da Psicologia Experimental. Convém, entretanto, repetir: Psicologia é Psicologia, Espiritismo é Espiritismo, e assim por diante.

Tratemos agora, das relações do Espiritismo com a Psicologia Racional. Enquanto a *Psicologia Experimental* estuda apenas o comportamento, os fatos em si, a *Psicologia Racional* estuda o problema da alma à luz da razão. Há escolas que, por isso mesmo, desprezam completamente a parte da razão, porque entendem que a Psicologia é exclusivamente ciência experimental; segundo este ponto de vista, a Psicologia Racional é filosofia, não é ciência. Seja como for, existe a Psicologia Racional, a que discute a existência da alma à luz da razão. O Espiritismo, em suas

conseqüências filosóficas (veja-se o Livro dos Espíritos) leva a discussão do problema da alma também ao campo da razão, embora a sua doutrina tenha base experimental. Ainda mais, no Livro dos Médiuns, Allan Kardec chega a dizer que, antes de se querer fazer alguém *espírita*, é mister tornar esse alguém espiritualista. É necessário – ensina Kardec – que se admita, antes de tudo, a existência da alma. É, como se vê, o ponto de partida lógico. Isto significa, portanto, apelar para a Psicologia Racional, isto é, admitir logicamente a existência da alma. Pois bem, o campo da Psicologia Racional, é precisamente este: a existência da alma na esfera da razão. O Espiritismo ocupa-se também deste aspecto do problema. É verdade que os fenômenos do além túmulo (materialização, psicografia, voz direta, levitação, etc.) já provam experimentalmente a existência da alma, segundo o Espiritismo. Como decorrência, o Espiritismo afirma, por isso, a existência e a imortalidade da alma com base nos fatos, nas provas experimentais. Entretanto convém notar que o Espiritismo não despreza a parte racional do problema. Isto quer dizer que o Espiritismo também discute o problema da alma sob o ponto de vista lógico, à luz da razão, finalmente. (Sobre este ponto, consultem-se as fontes iniciais: *Livro dos Espíritos Introdução*. (II e VI). Logo, o Espiritismo entra, também, na seara da Psicologia Racional.

RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA

Por força de suas conseqüências sociais, o Espiritismo tem relação, também, com a Sociologia. Quem encara o Espiritismo apenas pelo lado experimental, isto é, pelo fenômeno, ou quem não conhece a III parte do Livro dos Espíritos (“Leis Morais”) não pode compreender este ponto. Se dissermos, por exemplo, a um sociólogo ou mesmo a um estudante de Sociologia que o Espiritismo leva a suas conseqüências doutrinárias ao campo da Sociologia, naturalmente a afirmativa causará espanto, porque a idéia que muita gente faz do Espiritismo é bem limitada senão incompleta ou defeituosa. Poder-se-á logo perguntar: que relação tem a Sociologia com o Espiritismo e vice versa? Existe relação, sim, porque o Espiritismo, pelas suas conseqüências morais, concorre para aperfeiçoamento do indivíduo e dos grupos sociais. É grande a influência moralizadora do Espiritismo nas instituições sociais, a começar da família.

Além deste aspecto, a tese reencarnacionista explica muitos problemas que fazem parte das cogitações da Sociologia. As desigualdades sociais, por exemplo, encontram na reencarnação a explicação mais racional, mais ampla possível.

Ainda que não existisse esse aspecto, bastaria a coincidência de tanto a Sociologia como o Espiritismo se preocuparem com o aperfeiçoamento da sociedade humana. A Sociologia estuda o homem como parte da sociedade, pois o homem isolado não interessa à Sociologia: o Espiritismo estuda o homem separadamente, mas estuda também o homem na sociedade.

(“Lei de Sociedade” Livro dos Espíritos, parte III). A reencarnação tem grande influência nas relações sociais, assim como nos padrões de comportamento e no papel saliente de certos homens em determinados grupos, sejam primários, sejam elevados. Há problemas, no terreno da Sociologia, que seriam muito bem compreendidos, e com mais facilidade, à luz da reencarnação. Acontece, porém, que a doutrina reencarnacionista ainda não é aceita pelos sociólogos.

Quem lê, finalmente, na III parte do Livro dos Espíritos, a “Lei do trabalho”, “Lei da Sociedade”, “Lei da liberdade”, “Lei de destruição”, “Lei de conservação”, por exemplo, encontra inevitavelmente pontos de contato entre o Espiritismo e a Sociologia. O problema do determinismo, que muitos sociólogos ainda discutem para explicar a influência do fator econômico no comportamento do indivíduo ou dos grupos sociais, está bem interpretado, com profundo senso filosófico, na “Lei da Liberdade”, segundo a Doutrina Espírita. Assim, o problema do “Livre arbítrio”, que não é exclusivamente um problema filosófico, mas também, Sociológico. Não é pelo fenômeno de além túmulo que se verificam as relações do Espiritismo com a Sociologia, mas pela sequência lógica dos princípios básicos do Espiritismo na ordem social. Muita gente, como já dissemos, supõe que Espiritismo é apenas fenômeno, é “conversar com os mortos”... Se os estudiosos em geral conhecem o conteúdo moral e filosófico do Espiritismo, compreenderiam a conexão de certos postulados do Espiritismo, (parte doutrinária) com os postulados da Sociologia. Não podemos chegar, entretanto, à conclusão de que “Espiritismo é Sociologia”. Não. A Sociologia tem por objeto o fato social; o objeto do Espiritismo é o fenômeno espiritual ou de além, túmulo. Os métodos também são diferentes, embora adotem, no campo da generalidade, os métodos comuns a todas as ciências: *o indutivo* e *o dedutivo*. Há, porém, métodos particulares ou específicos, de acordo com a natureza de cada ciência.

Dá-se, porém, o seguinte: o Espiritismo, pelas suas consequências, pela sua organização doutrinária, pela esquematização filosófico-moral de seus princípios e postulados, toca forçosamente na Sociologia.

Dentro desta ordem de idéias, podemos encontrar, como encontramos, as relações do Espiritismo, também por decorrência de seus postulados e princípios, com a Antropologia, a Criminologia, o Direito Penal, etc.

A Antropologia, que vem de antropos (homem) estuda o homem sob o ponto de vista de sua constituição. Através dos aspectos somáticos (referem-se ao corpo) e das manifestações psíquicas, a Antropologia pode classificar os tipos humanos, segundo a forma, suas deformações, sua configuração craniana, etc. A reencarnação pode esclarecer muitos problemas de Antropologia, especialmente porque é pelas vidas sucessivas ou reencarnação do espírito que se pode admitir, logicamente a anormalidade de certos tipos humanos. A Sociologia e a Antropologia estudam o fato em si, os fatos como ele se apresentam, mas não entram na discussão das causas, porque este problema é de ordem filosófica. É claro que o antropólogo estuda um indivíduo de crânio anormal, um “monstro”, suponhamos, uma dessas aberrações da natureza, como se costuma dizer, mas não lhe compete procurar a explicação filosófica da anormalidade, isto é, a CAUSA transcendental, o porque de tal aberração. Será tudo isso mero capricho da natureza? Qual a razão de haver, entre um grupo de homens normais, um tipo monstruoso, de cabeça disforme? A Antropologia não entra neste ramo de indagações, porque é uma ciência positiva, interessa-lhe apenas o fato. Já o Espiritismo, sem desconhecer o valor da ciência antropológica, vai além do aspecto puramente somático do homem: procura a razão da anomalia na situação do espírito, através de existência anteriores. Faz-se necessário entrar até o terreno da fisiologia, no estudo das propriedades do perispírito, para que se compreenda a situação do espírito de um deformado em relação ao corpo. Existem deformações espantosas, assim como verdadeiras feras humanas. A questão, porém, vai mais longe: onde está a CAUSA da deformação física e das “taras” criminais: No corpo, no psiquismo, nas glândulas? Os

antropólogos da escola materialista afirmam que o indivíduo é deformado (crânio aberrante, membros desproporcionados, etc.) porque nasceu assim... Mas é o caso de perguntar: e porque nasceu assim? Como explicar esse capricho da natureza?... A Doutrina Espírita, com base no princípio reencarnacionista, interpreta os problemas da Antropologia à luz de outro critério. Não desconhece os problemas, interpreta-os em fase de um princípio: o das vidas sucessivas, à luz da justiça divina. A causa não está no corpo, mas no espírito. No corpo de um tipo lombrosiano, por exemplo, está um espírito, que reencarnou em condições adequadas à situação moral que lhe é compatível. Em consequências disto, o Espiritismo vai a outros campos de estudos como à Criminologia, o Direito penal, por exemplo. O criminoso nato, segundo a filosofia espírita, explica-se pela situação do espírito e não pelas anomalias do corpo. O que aparece no corpo é *efeito*, não é a *causa*. Já existe, até uma obra especializada sobre o Espiritismo e o Direito Penal. (O Prof. Fernando Ortiz tem um livro intitulado “A Filosofia Penal dos Espíritos”) O Livro foi publicado há muito tempo na Espanha e, há pouco, a Editora Vitor Hugo, da Argentina, publicou uma edição para a América Latina, muito bem preparada. O Dr. Ortiz, professor da Universidade de Cuba, é um criminalista muito conhecido. Não é espírita. Embora não seja espírita, sustenta, em seu livro, que a filosofia espírita é a única, até agora, em condições de explicar certos problemas de criminologia e Direito Penal. O problema do criminoso nato, que não é, até agora, ponto pacífico entre os criminalistas, pode ser elucidado com elementos tomados à tese da reencarnação. A LAKE, de S. Paulo, está preparando uma edição desta obra.

Nem a escola clássica, nem a Antropologia, nem a Sociologia, nenhuma delas, conquanto haja uma pouco de luz em cada uma, esclareceu definitivamente a questão. Qual a causa de criminalidade instintiva? Por que existe criminoso nato? Por que o indivíduo nasce com tendência para o crime? São problemas que, sob certos aspectos, reclamam o concurso da reencarnação. Daí o criminalista cubano, Prof. Ortiz, dizer que a filosofia espírita é de grande importância na Criminologia e no Direito Penal. Note-se que o Prof. Ortiz se apoia inteiramente em dois Livros básicos de Allan Kardec: “O Livro dos Espíritos” e A “Gênese”. O criminoso é apenas um produto social, como quer a escola sociológica? O meio social tem influência, mas a tendência *inata* vem de dentro, e não de fora, vem do espírito. A Doutrina Espírita pode, como se vê, esclarecer muitos pontos ainda obscuros na Criminologia. Não podemos desenvolver muito estes assuntos, porque o nosso programa é grande. Deixamos aqui apenas noções gerais, para que possamos ter idéias mais seguras sobre a extensão do Espiritismo, que é um corpo de doutrina muito sólido, complexo e profundo, tanto assim, que abrange questões atinentes a diversas ciências. Com esta parte, encerramos as dissertações sobre as relações *diretas* e *indiretas* do Espiritismo.

IV – NOÇÕES RELATIVAS À PARTE HISTÓRICA DO ESPIRITISMO

A história do Espiritismo comporta dois critérios: o que parte do *Fenômeno* e o que parte da *doutrina*. Parece-nos mais lógico tomar como ponto de partida a organização da doutrina, em 1857. É verdade que a doutrina surgiu como decorrência do fenômeno, mas o fenômeno sempre existiu. Se, por exemplo, quiséssemos começar a história do Espiritismo pelo fenômeno, poderíamos dizer que o Espiritismo começou com a existência do próprio homem, uma vez que a existência da mediunidade e a ocorrência de fenômenos, como se sabe, são fatos tão velhos como a existência do homem. Não havia, porém, doutrina. Se, portanto, o Espiritismo não é apenas fenômeno, mas o composto inseparável de fenômeno e doutrina, é natural que a história do Espiritismo tenha como marco inicial justamente o ano de 1857, quando se publicou o *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Antes da Codificação de Allan Kardec não havia a palavra ESPIRITISMO. Os fenômenos são, isto sim, elementos históricos indispensáveis, mas a história do Espiritismo não está exclusivamente nos fenômenos. Há, porém, no terreno dos fenômenos, um acontecimento de importância fundamental na História do Espiritismo: os fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos, no ano de 1848. Esses fenômenos foram o ponto de partida do movimento Espírita ¹

A história do fenômeno pode, pois, ser dividida em, três períodos, segundo os diversos autores:

I – História antiga, que tem as suas fontes na Bíblia e nas referências encontradas nos mais antigos livros religiosos.

II – História Moderna, que começa com os “raps” (ruídos) de Hydesville, nas proximidades de Rochester, E. Unidos (1848), onde as Irmãs Fox serviram inesperadamente de médiuns.

III – História Contemporânea, que compreende o período de Eusapia Paladino, as experiências de Lombroso até Bozzano e, daí, aos nossos dias.

Preferimos, porém, tomar como início o período em que aparece a Doutrina Espírita codificada. Os ingleses e norte americanos, porém, não aceitam esta orientação, porque entendem que a história do Espiritismo começa com o fenômeno. Além disso, os ingleses e norte americanos ainda não aceitam a reencarnação, a não ser em percentagem pequena, tanto assim que eles se dizem apenas espiritualistas e, não, *espíritas* ou *espiritistas*. Aqueles nossos irmãos adotam critérios diferentes em relação à história do Espiritismo. Há, porém, um ponto muito elucidativo: antes de Kardec havia fenômenos e médiuns, mas não havia um corpo de doutrina com o nome de Espiritismo. É lógico, portanto, que o dia 18 de abril de 1857, precisamente quando saiu, em França, a 1ª edição do *Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec, seja considerado um marco histórico da Doutrina Espírita.

HISTÓRIA

¹ Nota-se que os Norte Americanos não usam o termo Espiritismo. Para eles o movimento iniciado em 1848, em Hydesville, é o moderno espiritualismo. A escola inglesa adota a denominação geral *espiritualismo*.

FENÔMENO

Antes de Allan Kardec
–1848–

DOUTRINA

Depois de Kardec
– 1857–

HISTÓRIA

}	ANTIGA	Bíblia Literatura religiosa Swedenborg
	MODERNA	Hydesville – 1848 Livro dos Espíritos – 1857 Crookes (materialização) - 1873
	CONTEMPORÂNEA	Paladino (médium) Lombroso Bozzano

FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Como obra clássica do assunto, podemos indicar o livro de Conan Doyle: “*O Espiritismo, sua história, suas doutrinas, seus fatos*”. Já existe edição em espanhol, publicada pela editora “Schapire”, da Argentina. Tem-se aí a história do Espiritismo, isto é, fenômeno. Nota-se, porém, que Conan Doyle não desenvolve muito o período de 1855 a 69, justamente em que aparece a figura de Kardec. É claro que o historiador cita Kardec, mas o faz apenas por exigência cronológica. Contudo a história de Conan Doyle é a fonte mais ampla, mais substancial da história do Espiritismo. Há outra história, igualmente interessante: *Origem do Espiritismo e sua doutrina, de Carlos Luiz Chiesa*, da Argentina, publicada pela Sociedade “Constância”, de Buenos Aires. A obra de Chiesa, porém, é baseada, em grande parte, em Conan Doyle. O trabalho de Chiesa, todavia, é muito importante. Diversos resumos históricos do Espiritismo são apoiados na fonte de Conan Doyle.

O escritor inglês Ernest Thompson escreveu também, uma história resumida, sob o título *História e Ciência do espiritismo* (“History and Science of Spiritualism”). A história de Thompson, antigo igreja, são diretor do jornal “Two Words” (Dois Mundos) da Inglaterra, é muito resumida, mais interessante sob o ponto de vista didático, pois reúne as lições dadas pelo Autor durante um curso para principiantes em determinada

Sociedade espiritualista inglesa. O Autor, porém faz referência muito ligeira a Kardec. Cita-o apenas em poucas palavras, o que, aliás, é compreensível, porque os espiritualistas ingleses, embora pratiquem o mediunismo e tenham boa literatura, não seguem a orientação de Kardec.

Finalmente, como fonte autorizada, é recomendável, se não indispensável a leitura da parte final de *Obras Postumas*, de Allan Kardec, em cujo material se encontram declarações do próprio codificador do Espiritismo, como ainda comunicações de grande importância na história do movimento espírita. Em *Obras Póstumas* temos, portanto, uma fonte histórica absolutamente indispensável.

Nota final. Já estava terminado o presente estudo, quando a Editorial Vitor Hugo, da Republica Argentina, lançou, em excelente edição, a *Biografia de Allan Kardec*, escrita por Henri Sausse. Tem-se aí valiosa fonte histórica do Espiritismo. Como obra geral, que não é espírita, podemos citar “O Espiritualismo experimental, de C. Vesme, França.

V – ESTUDOS COMPLEMENTARES

Noções Sumárias de Histórias das Religiões

O programa anual do Centro Espirita “18 de Abril “ prevê uma série de palestras sobre história das religiões. Não se trata – é fácil compreender – de um curso de história das religiões, assunto vastíssimo, cujo desenvolvimento exigiria meses de estudos; apenas, como elemento de orientação, para facilitar a compreensão dos pontos de relação do Espiritismo com as idéias religiosas, apresentamos esquemas das noções iniciais ou indispensáveis.

Conceito de religião – Para nós, espíritas a palavra *religião*, de acordo com a sua etimologia, significa religar, isto é, fazer o homem voltar a Deus. É este, portanto, segundo Allan Kardec, o fim da religião: religar a criatura ao Criador. Parece-nos, pois, desnecessário, nestes estudos, alinhar as numerosas definições de religião, uma vez que o nosso conceito de religião, à luz da doutrina espírita, é muito diferente do conceito comum ou vulgar. Além de tudo, religião é sentimento, é assunto de consciência. São muitas e variadas, como se sabe, as definições. O assunto foge ao objetivo de nosso programa, sujeito às limitações de três palestras apenas.

Todos já sabem que o Espiritismo – quem o diz é Allan Kardec – é uma “doutrina de consequências religiosas”. Mas daí não se conclui que o espiritismo tenha ou deva ter organização religiosa: ritual, sacerdotes, cânones sagrados, etc... consequência religiosa, sim, porque o espírita não pode ser ateu. Nossa maneira de entender a palavra religião é muito diferente, portanto, da maneira porque tal palavra é entendida na opinião geral. Quando se diz religião, logo ocorre a idéia de seita, culto externo (paramenta, pastor ou sacerdote, etc.). Ao passo que, sob o ponto de vista espírita, religião é a aceitação consciente da existência de Deus, adesão do espírito à crença no poder supremo de Deus e de sua justiça. Cremos, finalmente, que é desnecessário, na introdução desta série de estudos citar ou comentar as muitas definições de religião. Temos, como já foi dito, concepção própria de religião. Passemos a outro ponto.

Religião e culto – Quando iniciamos o estudo geral da religião, devemos considerar logo dois elementos: a idéia religiosa e o culto. Daí dizer-se, com apoio nas autoridades em, matéria religiosa, que a religião tem dois aspectos: *subjetivo e objetivo*. O aspecto subjetivo é a idéia religiosa, a crença na existência de um poder acima do homem. Há indivíduos que, embora não estejam filiados a qualquer religiosos, uma vez que admitem a existência de Deus, cultivam a idéia religiosa. Temos aí a religião considerada sob o ponto de vista subjetivo. O aspecto objetivo da religião está no culto. Que quer dizer culto? Culto é o ato de adorar, de render homenagem ou manifestar obediência a Deus, tenha o nome de Alah, Jeová, etc. O culto pode ser interno e externo. Quando, por exemplo, nós nos recolhemos espiritualmente, fazemos a nossa prece, estamos praticando o culto a Deus. Mas esse culto é todo íntimo, todo natural, porque não tem ritual, fórmulas, etc. Eis aí o culto interno. Toda religião tem, entretanto, o seu culto externo: liturgia, objetos matérias, etc. Há religiões que não tem altares, imagens, etc., mas não deixam de ter culto externo, porque adotam formas especiais de oração, tem hinos, gestos, etc. O que regula o culto externo é o *rito* ou conjunto de práticas e regras de culto. De rito vem a palavra *ritual*, que quer dizer sistema de cerimônias ou práticas inerentes aos diversos atos religiosos. Entendida esta parte, passemos a algumas noções gerais.

Teorias mais conhecidas – A História das Religiões é do século XVIII. Apesar das crônicas esparsas, das referências em obras muito antigas, a História das Religiões, isto é, História sistematizada, não é tão velha, como se vê. Existem diversas teorias a respeito da origem das religiões. Justamente por isto, os autores clássico de História das Religiões divergem muito neste ponto. Eis aqui algumas das teorias mais discutidas:

a) – MITOLOGIA DA NATUREZA

Os partidários desta teoria admitem que a religião nasceu da mitologia da natureza, do respeito do homem primitivo para com os fenômenos da natureza.

b) – FETICHISMO

Os adeptos da teoria fetichista (adoração de objetos sagrados) entendem que a primeira manifestação de religião foi o fetichismo.

c) – ANIMISMO

Os defensores da teoria animista (Taylor, no séc. XIX) afirmam que a religião não começou, pela mitologia nem pela adoração de objetos (fetichismo) mas pelo culto da alma. É a chamada teoria animista, que admitia objetos *animados*.

d) – MITOLOGIA ASTRAL

Esta teoria, que discorda de todas as outras, desenvolveu-se no século passado. Seus adeptos entendem que a religião começou pela mitologia astral, isto é, pela adoração dos astros, considerados entidades sagradas pelo homem primitivo.

e) – MAGIA

Há também, na História da Religiões, os que acham que foi a magia o ponto de partida, a origem da religião. Na opinião de Fraser, que estudou muito a *magia* em todas as suas

formas, assim como o *totemismo* (culto de objetos e animais sagrados) a religião é anterior à magia e ao totemismo. Frazer criou a teoria preanimista.

f) – MANISMO

Esta teoria diz que a religião nasceu do culto dos antepassados, desde o momento em que o homem começou a prestar homenagem ou reverência aos seus mortos queridos. Daí a palavra manismo para designar a teoria do culto dos antepassados.

Existem ainda outras teorias. Como estamos vendo, não se chegou, ainda, a uma conclusão definitiva sobre a origem da religião. Quando e como nasceu a religião? Qual foi a primeira manifestação religiosa? O animismo, o fetichismo, a magia?... Cada teoria tem, a este respeito, o seu ponto de vista. Os autores estão muito divididos sobre este ponto inicial da História das Religiões.

Religiões reveladas – Quando à origem, as religiões estão divididas em dois grandes grupos: *naturais e reveladas*. Religiões naturais são aquelas que, não tendo tido profetas, foram buscar os seus motivos nos fenômenos da Natureza. gregos, assírios, etc., tiveram religiões naturais, porque rendem culto a símbolos e força da natureza. Religiões reveladas são as que se originam de revelação, por intermédio de um profeta ou enviado.

Monoteísmo e Politeísmo – Quanto à teologia, as religiões dividem-se em politeísta (muitos deuses), notando-se que o politeísmo caminhou naturalmente para o monoteísmo. O Judaísmo é um tronco monoteísta.

Do Judaísmo, saiu o Cristianismo, como do Cristianismo saíram o Catolicismo e o Protestantismo. Como se vê as religiões dividiram-se, ramificaram-se muito. Até mesmo as religiões monoteísta, a começar do Judaísmo, não se mantiveram coesas.

Foi muito prudente Allan Kardec ao desprezar as divisões religiosas e extrair do Evangelho, como base de nosso procedimento, apenas a essência, a parte moral dos ensinamentos de Jesus, deixando à margem as disputas e controvérsias religiosas. Para terminar, vamos apresentar, no quadro negro, um esquema das divisões religiosas.

Judaísmo { Samaritanos
 { Ortodoxos

Cristianismo: {
Catolicismo
Protestantismo

Catolicismo: {
Ortodoxo (não reconhece o Papa) - (Igreja Grega)
Romano (Tem o Papa como chefe supremo)
Anglicano (Religião da Inglaterra. O Rei é o chefe Espiritual).

Protestantismo {
Batistas
Presbiterianos
Metodistas, etc.

Já dissemos que o Islamismo, cujo livro sagrado é o *Corão* ou *Koram*, é também monoteísta.

Além das muitas seitas que se formaram dentro do Cristianismo, existe a dos *pentecostais* e dos *sabatistas* ou “adventistas do 7º dia”. Por aí já podemos ter uma noção das divisões, da fragmentação do rebanho religioso. Quis Allan Kardec, muito bem inspirado evitar que o Espiritismo tomasse o caminho de uma seita e concorresse para aumentar a confusão religiosa. Justamente por isso, Kardec aproveitou a parte neutra, indiscutível e definitiva do Evangelho: a moral. O Espiritismo preocupou-se com a parte moral do Evangelho.

O estudo anterior circunscreveu-se às principais divisões religiosas: politeísmo, monoteísmo, religiões naturais, religiões reveladas.

Vamos apresentar um esquema dos mais conhecidos livros sagrados das religiões.

Livros sagrados – toda religião revelada tem os seus livros sagrados (Já vimos, anteriormente, a diferença entre religião natural e religião revelada). Os gregos, que não tinham religião revelada, mas a religião natural, o politeísmo inspirado em fenômenos da natureza, não possuíam o que se possa chamar conjunto de livro sagrados.

Nota-se nos livros sagrados orientais, na opinião de muitos autores, a união da filosofia com a religião. Não se distingue bem, nesses livros sagrados, o místico do filósofo. As idéias filosóficas vieram do Oriente, muito ligadas às idéias religiosas. Entre os chineses, há diferença nas tendências de Confúcio e Lao Tse. Este último é mais filósofo enquanto Confúcio é moralista. A filosofia de Confúcio teve por base o aperfeiçoamento do homem, o domínio das paixões; Lao Tse preferiu a indagação, a filosofia. Nos livros sagrados dos hindus, notadamente os de Buda, a religião não se distingue da filosofia.

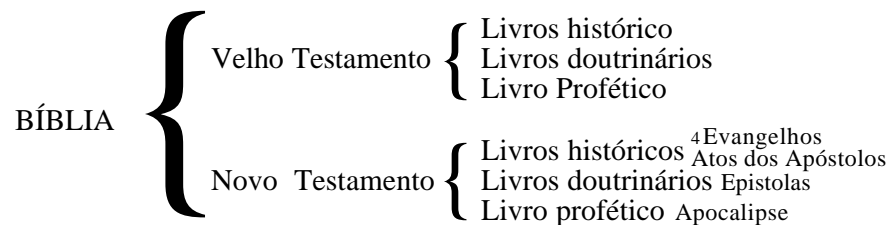
A doutrina religiosa dos persas está em Zoroastro ou Zaratrusta.

A VESTA é a bíblia dos persas

Passemos, porém, a outro ponto, porque não há espaço para comentários ou exposição desenvolvida.

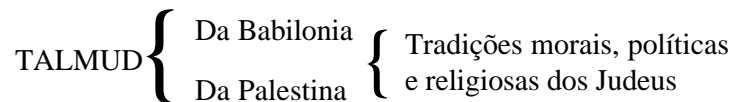
Já vimos, no estudo anterior, que o livro sagrado dos maometanos ou islamistas é o *Corão ou Koram*. Esta religião, fundada por Maome, seu profeta, é imortalista como o Judaísmo, adota a circuncisão e muitos hábitos e tradições dos judeus, mas apresenta muitos pontos diferentes do tronco judaico. O *Corão*, pois, é a bíblia do Islamismo. Há muitos outros livros sagrados. Devemos, porém, resumir o assunto. A fonte do judaísmo é a bíblia, isto é, o Antigo Testamento. A Bíblia quer dizer os livros por excelência”. Justamente por isso é que se pretende definir a Bíblia simplesmente desta maneira: *O Livro dos livros*”. Mas o que se entende na realidade por Bíblia é um conjunto de livros.

DIVISÃO DA BÍBLIA



LIVROS SAGRADOS DOS JUDEUS

KABBALA: – parte esotérica, mistérios



FONTE HISTÓRICA DO JUDAISMO



Pentateuco, também chamado TORAH, a lei, é o conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia. São livros históricos. Já vimos anteriormente que uma corrente judaica se bateu para que o *Judaísmo* ficasse apenas no Pentateuco, que é a sua fonte, desprezando o resto da Bíblia; outra corrente quis que se adotasse o *Talmud* (Livro das

tradições judaicas integralmente, sem alteração). Como se vê, apesar de serem muito rigorosos, os judeus tiveram também suas divergências.

CRISTIANISMO – Do Judaísmo, como se sabe, saiu o Cristianismo. A fonte histórica do Cristianismo é o Novo Testamento. São 27 os livros do Novo Testamento. A parte descritiva está nos 4 Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. As Epístolas desenvolve a doutrina. Mas o que nos interessa é a essência do ensino de Jesus. Evangelho significa “boa nova”, a mensagem trazida por Jesus. Por força de necessidade cronológica, emprega-se a palavra *Evangelho* no plural, e por isso lemos: “Os Quatro Evangelhos “, segundo Mateus, Marcos, Lucas, João. Mas o Evangelho, em si, não tem plural. Não há mais de um Evangelho de Jesus; há sim, O Evangelho, isto é, a mensagem, a boa nova. Mas o Evangelho foi apresentado por quatro pessoas, em lugares e épocas diferentes. Forçosamente em virtude desta circunstância, dizemos o Evangelho *segundo* Mateus, *segundo* Lucas, etc., isto é, o mesmo Evangelho, de acordo com a narrativa de Mateus, Lucas, etc.

Conclusão – Quando Allan Kardec codificou a Doutrina Espírita, extraiu do Evangelho apenas a parte fundamental e neutra: a moral. Leia-se a *Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Resta, agora, tirar a conclusão que interessa ao ponto de vista espírita: cada religião acha que os seus livros sagrados são a única expressão da verdade; o Espiritismo, colocando-se acima de todas as pretensões religiosas, afirma que a Verdade é universal, e não pode estar contida exclusivamente nesta ou naquela doutrina. Há no Judaísmo, como no Islamismo, etc. ensinamentos inalteráveis, como a imortalidade da alma. Cada religião tem um pouco de verdade, mas nenhuma é detentora da verdade integral. O Espiritismo toma por base de sua moral o Evangelho. A verdade é recebida gradativamente à proporção que o espírito se ilumina pela virtude, pelo conhecimento, pelo trabalho. Eis porque, de tudo isto, o Espiritismo prefere apoiar-se na parte essencial do Evangelho.

FIM

Encerra-se aqui mais um período de estudos doutrinários do Centro Espirita “18 DE ABRIL”. Todos os nossos estudos, seja qual for o aspecto pelo qual encaremos o Espiritismo Científico, filosófico ou religioso, tem por fim a atenção do homem para o problema da imortalidade da alma e da existência de Deus. Sejam quais forem os métodos e argumentos que empreguemos, teremos de chegar naturalmente, inevitavelmente a esta.

CONCLUSÃO

O ESPIRITISMO DEVE SER ESTUDADO, COMPREENDIDO E PRATICADO COM O SUPERIOR OBJETIVO DE REALIZAR A REFORMA MORAL DO HOMEM.

CONCEITO BÁSICO DE ALLAN KARDEC

“ O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura”. Allan Kardec – “Obras Póstumas.

Não se pode conhecer bem o Espiritismo sem estudar a codificação de Allan Kardec.

NOTAS FINAIS

A última 5ª feira de cada mês é destinada ao estudo exclusivo d' O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Encarregando-se desse estudo o Vice-Presidente do Centro Dr. J.C. Moreira Guimarães.

Em obediência ao programa do Centro, fazem-se dissertações sobre o “ Sermão da Montanha “, durante o mês de dezembro como coroamento das atividades do ano.

Colaboram conosco, até agora, nos estudos finais sobre o “Sermão da Montanha”, entre outros, os seguintes Confrades: Dr. Henrique Andrade, Cel. Delfino Ferreira, João Scizinho de Araujo, Antônio Luiz Parreiras, João Ribeiro Coelho, prof. Teodorico Castelo.

Nos meses de abril e outubro, ainda em obediência ao programa do Centro, realizam-se estudos especiais, porque nesses dois meses se comemoram duas grandes datas espíritas: O nascimento de Allan Kardec (3 de outubro) e a publicação do Livro dos Espíritos (18 de abril). Há, porém, em substituição aos estudos didáticos habituais,

conferências e dissertações sobre Allan Kardec, em outubro, e sobre o Livros dos Espíritos, em abril. Temos tido, nessas conferências a colaboração dos seguintes confrades, além de outros: João Carlos de Assis, prof. Teodorico Castelo, prof. Edson Abreu, Dr. Lauro Sales, Coronel Alfredo Molinaro, Sra. Idalinda Matos, Jornalista Enéas Dourado, João Scizinho de Araujo, Flávio de Souza Pereira. Colaborou também nesses estudos o nosso companheiro Eduardo Barreiros, já desencarnado.

O Centro Espírita “18 de Abril é filiado à Liga Espírita do Distrito Federal

Programa do Centro “ 18 de Abril”

Art. 1º O Centro Espírita 18 de Abril. Assim denominado em homenagem a data em que foi publicado a 1ª edição d’ O Livro dos Espíritos, é uma sociedade civil, com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo, de acordo com a codificação de Allan Kardec. (Do Estatuto)

DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “ 18 de Abril” Para 1952 - 1955

Presidente: Deolindo Amorim

Vice-presidente: J. C. Moreira Guimarães

1º Secretário: Flávio de Sousa Pereira

2º Secretário: Enéas Dourado

1º Tesoureiro: João Scizinho de Araujo

2º Tesoureiro: Manuel Ladislau dos Santos

Bibliotecário: Sr. Ernestina de Andrade

Comissão de Contas

Antônio Luiz Parreiras
Dr. Lauro Sales